

## Segredos de família: os sinais de expostos entre as práticas de identidade e a construção de memória

Isabel dos Guimarães Sá

Para o historiador, é difícil interpretar o conjunto de objectos que acompanhavam as crianças no momento do abandono. Artefactos variados: o pequeno texto que acompanhava a criança, a medalha, a fita de tecido, a carta de jogar, etc. Objectos duplos na sua maior parte: por todos os sinais conservados, há que imaginar as réplicas ou as metades que as famílias guardavam consigo, à espera do dia em que pudessem recuperar a criança. Dia que podia nunca acontecer, ou chegar tarde.

Como abordar as dezenas de milhar de sinais de expostos que a Misericórdia de Lisboa conserva no seu Arquivo?

Constituem testemunhos de afectividade, sem dúvida alguma. Manifestações de perda, também, escondendo um sofrimento que se adivinha volátil, mas nem por isso menos intenso. Igualmente o efeito de um acesso cada vez maior a bens de consumo, neste caso objectos de devoção na sua maior parte. Em termos analíticos, porém, a maior parte destes sinais diz muito pouco ao historiador, precisamente porque o código que os permitia interpretar (se é que existiu) desapareceu.

No entanto, talvez não seja errado abordar esses objectos como resultado de práticas de identidade e de construção de memória. Uma vez abandonadas, estas crianças tinham uma sorte incerta, perdidas num conjunto anónimo de recém-nascidos entregues a amas das periferias. Poucas sobreviviam à primeira infância; menos ainda eram as recuperadas pela sua parentela de sangue. Uma vez mortas, a sua existência individual perder-se-ia no vazio.

Mas, algures, alguém guardava uma chave para a sua identificação, um cordão umbilical de tecido, de metal ou de papel, que transmitia a segurança de poder restabelecer os laços familiares interrompidos. Se essa chave não fosse utilizada para devolver uma genealogia ao exposto, adquiria o estatuto de recordação. Um objecto que se podia guardar para prolongar um pouco a memória da sua existência.

Para nós, hoje, estes sinais são isso mesmo: a memória de um tempo em que os europeus abandonaram um número espantosamente alto de crianças. Este facto singular é recordado por eventos como esta exposição, e dá que pensar. A Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, detentora de um dos melhores espólios deste género existentes actualmente, propõe isso mesmo: uma reflexão, aos estudiosos e à população em geral, sobre as pessoas que nós fomos há pouco mais de cento e cinquenta anos atrás.

---

Isabel dos Guimarães Sá doutorou-se em História, no Instituto Universitário Europeu de Florença, em 1992. Publicou os livros *A circulação de crianças na Europa do Sul: o exemplo da Casa da Rôda do Porto no século XVIII*, Lisboa, 1995 e *Quando o rico se fez pobre: Misericórdias, caridade e poder no Império Português: 1500-1800*, Lisboa, 1997. Exerce funções docentes na Universidade do Minho, onde é professora auxiliar com agregação.